

# PAISAGENS CULTURAIS, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL MINEIRO NO QUADRILÁTERO FERRÍFERO DE MINAS GERAIS, BRASIL.

CULTURAL LANDSCAPES, TERRITORY AND THE CULTURAL HERITAGE OF MINING IN THE "QUADRILÁTERO FERRÍFERO" ("IRON QUADRANGLE") OF MINAS GERAIS, BRAZIL.

JEANNE CRISTINA MENEZES CRESPO <sup>1</sup>

78



<sup>1</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, Rua Januária, 130, "Casa do Conde", Belo Horizonte, 30110-055, Brasil. [jeanne.crespo@gmail.com](mailto:jeanne.crespo@gmail.com)

El Cuadrilátero Ferrífero es una región de 7.500 km<sup>2</sup> localizada en la provincia brasileña de Minas Gerais, principal zona productora de mineral de hierro en Brasil, con una economía industrializada, cuyos paisajes contemporáneos revelan un proceso de deterioración urbana que debe ser contenida e invertida. Tales actividades de exploración, parte integrante del histórico de formación de esta zona, al mismo tiempo que contribuyen a dicho proceso de degradación socio ambiental, son también responsables de la creación de lugares de memoria social y de identidades de sus localidades, por lo tanto, configuradores de este territorio. Este hecho se puede observar en sus paisajes contemporáneos, principalmente en sus diversos tipos de patrimonio histórico edificado, así como variados rasgos culturales de la región.

Así, el objetivo de este trabajo es analizar la localidad de Miguel Burnier, en la municipalidad de Ouro Preto, integrante del Cuadrilátero Ferrífero. Con ello, buscaremos discutir los impactos socio-culturales derivados de la instalación de las actividades mineras e industriales en un determinado territorio, a partir del estudio la construcción de su identidad territorial y de su patrimonio cultural minero e industrial; elementos estos, configuradores de sus paisajes culturales contemporáneos.

**Palabras clave:** áreas patrimoniales, asentamientos industriales, minería, paisaje urbano, territorio.

The Quadrilátero Ferrífero (Iron Quadrangle) is a 7,500 km<sup>2</sup> region located in the Brazilian state of Minas Gerais. It is the main iron-ore-producing area in Brazil and has an industrialized economy whose contemporary landscapes reveal a process of urban deterioration that must be contained and reversed. The mineral exploration activities that were an integral part of the historical formation of this area, while contributing to the process of social and environmental degradation, were also responsible for creating places of social memory and identity for its localities, and therefore shaping this territory. This fact can be observed in its contemporary landscapes, mainly in its diverse types of historical built heritage, as well as various cultural features of the region. Thus, the aim of this article is to analyze the town of Miguel Burnier, in the municipality of Ouro Preto, a part of the Iron Quadrangle. The socio-cultural impacts arising from the establishment of mining and industrial activities in a given territory will be discussed starting from the study of the construction of its territorial identity and its cultural heritage of mining and industry, as these elements shaped its contemporary cultural landscape.

**Keywords:** heritage areas, industrial settlements, mining, Urban Landscape, territory



**Figura 1** Mapa de Localização do Quadrilátero Ferrífero.  
Fonte: <http://ppegeo.igc.usp.br/img/revistas/ted/v8n1/html/1a03f01.jpg>.

## INTRODUÇÃO

Miguel Burnier pertence à Microrregião de Ouro Preto, compreendida na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, integrante do Quadrilátero Ferrífero do Estado de Minas Gerais, maior região exportadora de minério de ferro do mundo (Carsalade *et al*, 2012). Distando aproximadamente 40 km da sede municipal, constitui-se em um distrito situado em uma área cuja paisagem vem sendo modificada desde o século XVIII devido às ações antrópicas relacionadas à exploração dos recursos naturais locais.

No século XVIII, o ouro era explorado na região. A partir da década de 1880, a localidade começou a ganhar nova dinâmica com a inauguração da Estação Ferroviária de Miguel Burnier, transportando tanto cargas quanto passageiros, no ramal ferroviário que fazia a ligação entre Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais, e Rio de Janeiro, capital do Império na época. Pouco depois, os recursos minerais da região e a situação privilegiada da localidade como importante entroncamento ferroviário confluíram para despertar o interesse de Carlos da Costa Wigg, lá instalando, em 1893, a Usina Wigg, destinada à extração de minério de ferro, produção de ferro gusa e extração de manganês. Na década de 1970, a Usina Wigg foi vendida

para o grupo empresarial que instalou a siderúrgica Barra Mansa no distrito, cujas atividades favoreceram economicamente a população local até os anos de 1980. Na década seguinte, concomitante ao declínio das atividades da siderúrgica, iniciou-se o processo de arruinação da malha ferroviária. Desde então, esta localidade permaneceu sem nenhum tipo de atividade econômica até a década de 2000, quando algumas mineradoras assumiram a exploração de minério de ferro no distrito, estabelecendo-se tanto na área rural quanto em sua sede.

A trajetória de enclave siderúrgico e a deficiência da presença e de investimentos públicos na infraestrutura na localidade favoreceram uma ambiência paisagística da sede distrital caracterizada por alterações desordenadas na topografia do terreno, desmatamento da cobertura vegetal, arruamentos irregulares com pavimentação falha, conjuntos dispersos de edificações tecnicamente simples e mal conservados, além de focos de vazios urbanos subutilizados. Ainda, há uma grande deficiência de mobiliário urbano e na oferta de bens e serviços à população, além da grande quantidade de edificações abandonadas e em processo de arruinação, principalmente, aquelas que compõem o conjunto histórico arquitetônico de Miguel Burnier. Este distrito também passa por uma situação



**Figura 2** Vista Geral das estruturas remanescentes da antiga Usina Wigg. Foto: Raul Lanari.  
Fuente:: <https://picasaweb.google.com/lh/photo/Hih-QF0-MfxANPaOJzFBFQ>.

de baixa dinâmica econômica para a população local, uma vez que não é aproveitada como mão-de-obra para as atividades minerárias que se desenvolvem na área, não tendo outras oportunidades de inserção no mercado de trabalho local, gerando um quadro preocupante de êxodo urbano.

Paradoxalmente, estas diversas fases mineiro-industriais pelas quais passaram o distrito em questão, ao mesmo tempo em que contribuíram para a degradação ambiental da região, foram também responsáveis pela expansão e conformação do espaço urbano, estando presentes na paisagem local e na memória coletiva da população local, devendo, por isto, serem considerados bens patrimoniais, não só pelo que representaram no passado, mas pelo que ainda representam e interferem na vida da localidade. Constituem um acervo de importância fundamental ao desenvolvimento do distrito, definindo características particulares pelos traços culturais, modo de vida e apropriação do espaço, o que pode reafirmar a ideia de uma identidade social constituída.

## ESPAÇO E TERRITÓRIO

De acordo com Milton Santos (1999:86): “o espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais, sendo a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais atribuindo-lhes um conteúdo”. Para este autor, a organização do espaço se dá a partir dos elementos geográficos naturais existentes e as diversas formas como as sociedades interagem com eles, em diferentes períodos históricos. Os objetos sociais são resultado dos processos de acumulação de atividades de muitas gerações, combinando objetos naturais e objetos fabricados. Essa organização espacial concebida por Milton Santos, a nosso ver comporta um ou vários grupos sociais em sua porção físico-espacial determinada. Tal entendimento propõe a junção de aspectos físicos com as ideologias, dos grupos sociais e das forças políticas locais, configurando um quadro formal de representações e sistemas de valores das comunidades que o habitam, configurando, desta forma, um território.

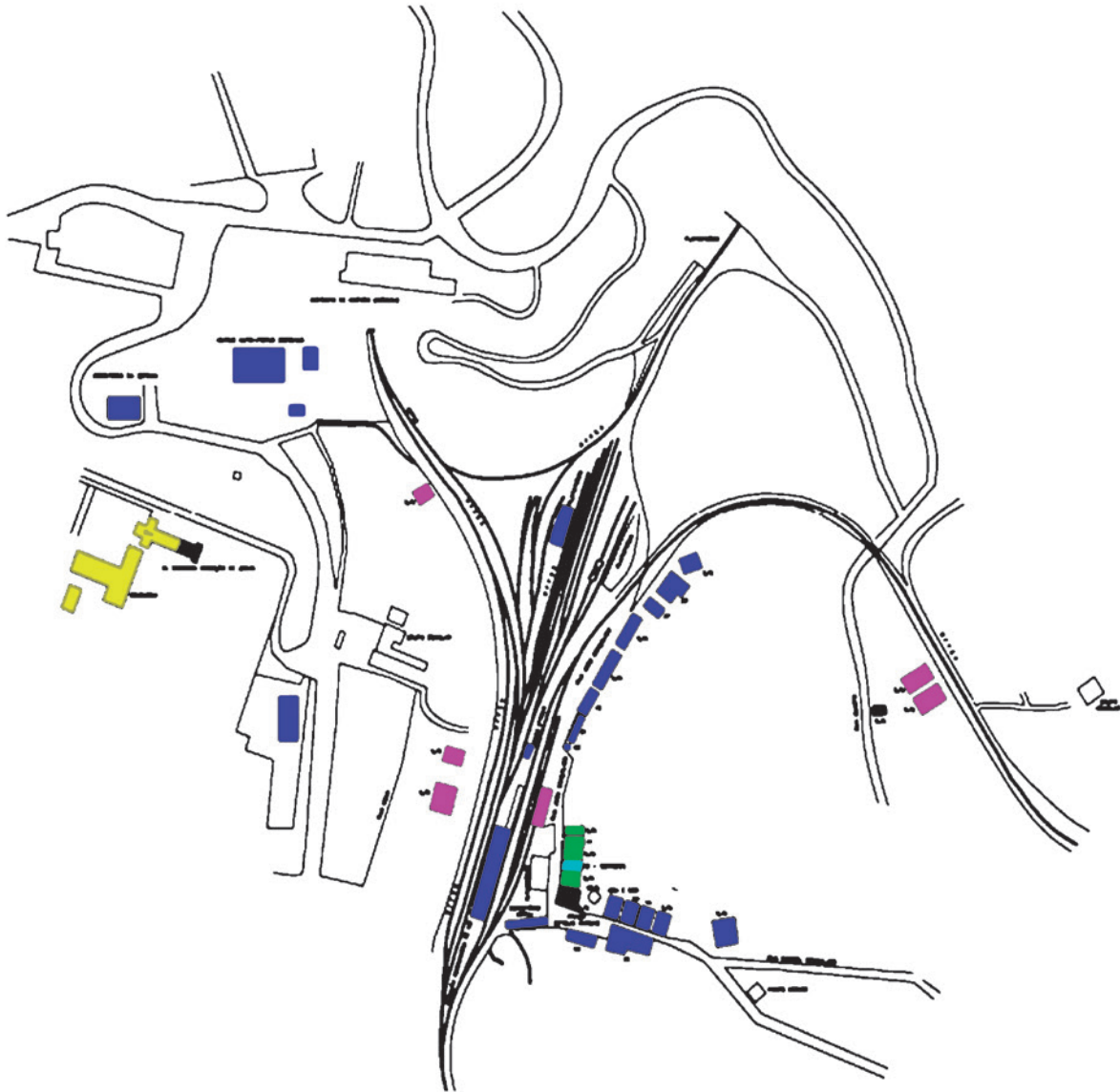


Figura 3 Mapa cadastral da malha urbana da sede do distrito de Miguel Burnier.  
Fuente: [http://www.ouopreto.mg.gov.br/patrimonio/upload/Miguel%20Burnier\\_mapa%20ipac](http://www.ouopreto.mg.gov.br/patrimonio/upload/Miguel%20Burnier_mapa%20ipac).

O território seria, então, um lugar compartilhado no cotidiano, criador de raízes, laços de pertencimento e símbolos que lhes dão sentido e motivam seus movimentos internos, ou seja, segundo Ribeiro (Ribeiro e Milani, 2009), um espaço de construção social, política, econômica e simbólica. Trata-se, portanto de *locus* privilegiado onde a vida comunal acontece, com a multiplicidade de relações possíveis que lhe conferem unicidade e personalidade próprias. Revela as relações de poder, quer do Estado, quer de grupos dominantes, o que o configura como espaço de lutas sociais cotidianas e em constante transformação. A dinâmica e a transformação são, portanto, duas de suas características intrínsecas. O território representa, assim, as relações socioeconômicas no espaço.

Ainda de acordo com Santos (2004), é nos territórios que atuam as forças globais e locais. Para se referir a tais forças, este autor se utiliza dos conceitos instrumentais de verticalidade e horizontalidade. A verticalidade ocorre quando os macro atores - empresas que comandam todo o processo de produção de fora da área onde estão presentes os atores locais - determinam as ações internas que irão se estabelecer naquela área, organizando o modo de produção local. Tal sistema de produção resultante configura uma rede, caracterizando-se por sua exigência de fluidez e velocidade (Santos, 2004:106). Todos aqueles que fazem parte da rede devem adaptar comportamentos locais aos interesses, ao ritmo e ao poder desses macro atores (interesses globais) e as "macro empresas acabam por ganhar um papel de regulação do conjunto do espaço. Junte-se a esse controle a ação explícita ou dissimulada do Estado, em todos os seus níveis territoriais" (Santos, 2004:106). Essa ação estatal, por sua vez, destinar-se-ia a favorecer às macro empresas e aos interesses externos. Resulta disso **que decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes.**

Debruçando-se sobre o histórico de Miguel Burnier é possível perceber que as "verticalidades" agiram de maneira muito impactante sobre o território local, uma vez que os objetos marcantes e configuradores, tanto da malha urbana distrital de tal localidade (a implantação da ferrovia e os sucessivos "surto" de industrialização - Usina Wigg, Siderúrgica Barra Mansa, Gerdau S.A.), quanto da sua área rural (existência de grandes mineradoras e empresas produtoras de carvão), constituem-se em empreendimentos e atividades que estão subordinados à inserção econômica do Brasil nos respectivos contextos político-econômicos pelos quais passaram a economia mundial desde o final do séc. XIX até a contemporaneidade.

Quanto às "horizontalidades", estas podem surgir também em consequência das mesmas "verticalidades" aí atuantes através da imposição de lógicas exógenas, alheias ao território por parte de vetores da globalização:

**"As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contra finalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta."**

(Santos, 2002:286)

Na horizontalidade os laços de cooperação baseiam-se numa solidariedade orgânica, espontânea, nascida nas relações vividas no cotidiano, no corpo a corpo, homem a homem (Ibid.). São relações fundadas na similitude, na complementaridade das produções e no exercício de uma existência solidária, graças a essas relações, conscientes ou não, há um aumento da "produtividade econômica e também política do território" (Santos, 2008:51).

Contudo, como vimos, horizontalidade e verticalidade coexistem indissociavelmente e estão permanentemente sujeitas ao movimento da história. As forças hegemônicas tanto do mercado globalizado quanto do Estado, grande regedor das ações determinantes das novas realidades espaciais, provocam um incessante "processo de entropia" que mudam os contornos e os conteúdos dos subespaços impondo novos mapas ao mesmo território (Santos, 2008:89).

Para Santos (2009), a horizontalidade desenvolve forças centrípetas que agem como fatores de agregação, de convergência e coesão. No estudo deste conceito, o *cotidiano* se constitui categoria fundamental que se presta ao tratamento do mundo vivido, envolvendo objetos, ações, técnica e tempo (Santos, 2009). As relações inter-humanas com ou sem o uso da técnica incluem ainda a territorialidade, aqui entendida como as interações humanas com o espaço. O sujeito relaciona-se com as cristalizações das experiências passadas, as formas sociais, as configurações espaciais e a paisagem.

As horizontalidades são assim, o alicerce de todos os cotidianos, isto é, de indivíduos, coletividades, firmas e instituições, cimentadas pela similitude das ações ou por sua associação e complementaridade. Melhor dizendo, as horizontalidades são o "domínio de um cotidiano territorialmente compartilhado com tendência a criar suas próprias normas, fundadas na similitude ou na complementaridade das produções ou no exercício de uma existência solidária" (Santos, 2008:50).

Na horizontalidade os laços de cooperação baseiam-se numa solidariedade orgânica, espontânea, nascida nas relações vividas no cotidiano (Santos, 2009) e exercidas sobre um território comum (Santos, 2010), enfim nas relações pessoais. Graças a essas relações, conscientes ou não, há um aumento da produtividade econômica e também política no território (Santos, 2008).



**Figura 4** Panorâmica da Rua João Gonçalves, no entorno da Estação Ferroviária de Miguel Burnier.  
Fuente: Jeanne Crespo, 2012.

A trama das horizontalidades e verticalidades pode, portanto, ajudar a compreender o tecido social de Miguel Burnier e as repercussões desse tecido no espaço. Para o caso em questão, consideramos que as horizontalidades estão expressas na criação de espaços de educação (escola) e de convívio religioso e social da comunidade (igreja, clubes, locais de esporte) que, embora se constituam como condições de estabelecimento de grupos sociais na localidade, foram criados pelas empresas vetores das verticalidades, como estruturas necessárias para a reprodução da lógica organizacional do capital exterior. Estes grupos, por sua vez, motivados pelos mais diversos interesses, constituíram-se aliados das empresas capitalistas, por contribuir para a consolidação de tal sistema de exploração mediante o produto de sua força de trabalho, mas que, dialeticamente, também se organizaram independentemente, criando momentos de embate com as forças dominantes. Percebe-se isto no momento em que as classes trabalhadoras se organizavam para reivindicar melhores condições salariais e de trabalho, durante as greves que ocorreram no começo do séc. XX, inclusive até o momento atual, onde alguns moradores, principalmente os mais antigos, ainda insistem em permanecer no distrito, a contragosto dos interesses econômicos que atuam sobre o local.

## PAISAGEM, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL

A nosso ver, foram as relações estabelecidas entre os grupos sociais que interagiram no território de Miguel Burnier, assim como as marcas espaciais deixadas por estas, que configuraram a identidade burniense e constituíram as paisagens locais. Dias (2006:121) considera que a ação do homem imprime nas paisagens o resultado de sucessivas combinações de sociedades sobre o espaço, referenciando-se na perspectiva espaço-temporal (Dias, 2006: 121). Desta forma, a paisagem seria:

*"[...] uma interação constante entre os grupos humanos e o território, em produção dialética e constante de significados, com a particularidade de que esses significados não são novos, pois estão profundamente enraizados no processo histórico. Deve, portanto, ser considerada a partir da especificidade dos valores que lhe são atribuídos, considerando os diversos elementos que a compõem e a constante evolução dos padrões e valores que reflete e que acabam por fazer com que ela seja a expressão da própria imagem da(s) sociedade(s) que a construíram... Esta experiência, além das nuances subjetivas e individuais, é constituída por uma sociedade em constante transformação, evidenciando, portanto, a influência exercida pelas paisagens na qualidade de vida e na construção cultural."*

(Carsalade et al., 2012:36).

No presente caso de estudo, as condicionalidades industriais estão no cerne do desenvolvimento territorial e comunitário da localidade em questão e, também por isso são fortes símbolos de identidade e memória para as comunidades nascidas em seu entorno, sejam elas locais, relacionadas com as com grandes indústrias, cidades empresas, bairros operários, ou outros. As rugosidades deixadas no tecido urbano de tais sítios, por sua vez, vão sendo constituídas a partir do cotidiano dos grupos sociais que trabalham e habitam tais espaços, cotidiano este que se materializa nas atividades desenvolvidas e vivenciadas pelo homem a partir de sua condição de ser individual e de ser genérico, se estabelecendo num lugar e assumindo uma dimensão espacial. Tais rugosidades em localidades industriais, por sua vez, quando simbolicamente apropriadas pela cultura, constituem-se em patrimônio material industrial.

A constituição de um referencial teórico do Patrimônio Industrial a nosso ver, é um fenômeno característico de uma sociedade imersa num modo de produção capitalista, já que o histórico dessa atividade tem a ver com a própria trajetória humana no domínio das técnicas, tecnologias, uso e apropriação



**Figura 5** Estação Ferroviária de Miguel Burnier.  
Fuente: <http://eucurtominas.com.br/miguel-burnier-recebe-a-5aedicao-do-festival-cultural>

econômica do espaço. Ao mesmo tempo, relaciona-se com aspectos inerentes à organização sociocultural e a formação de identidades e memórias, em uma relação interdisciplinar entre os aspectos culturais, sociais e econômicos. O entrelaçamento dos conceitos de história, memória, cultura e paisagem é uma possibilidade de entendimento das relações e práticas do trabalho e sociedade, entremeadas por suas consequências socioeconômicas e culturais.

Vinculada tanto ao conceito de patrimônio industrial quanto ao de paisagem, existe a problemática da consolidação de um conceito mais focado, próprio de uma atividade bem específica, que é o do *patrimônio minerário*.

De acordo com M. I. López (2012:56), deste tipo de patrimônio é possível distinguir duas categorias, usualmente reconhecidas na literatura contemporânea sobre o tema. A primeira, conhecida como patrimônio geológico mineiro, refere-se a uma combinação de patrimônio natural relacionado às formações geológicas (que se apresentam como formas didáticas para se entender processos de formação e evolução do planeta, além de seu valor plástico e contemplativo) com o patrimônio “artificial” (que se associa com ao legado da atividade humana). A segunda categoria, o patrimônio mineiro-metalúrgico,

reconhece os legados materiais e imateriais deixados pela atividade minerária em certos sítios ou territórios, ressaltando a estreita vinculação entre a mina e o lugar de exploração. Outra categoria associada à temática é o de *paisagem mineira*, que, de acordo com Puche Riart (2003:61) seria “qualquer parte do território que tenha suportado a atividade extrativa de minerais ou rochas, seja em que estado esteja”. O mesmo autor ressalta que tal termo engloba uma dimensão física permeada por valores estéticos, uma cultural permeada por valores socioculturais, uma histórica, além de outras permeadas por outros valores, como o ecológico e o econômico (Puche Riart, 2003:60).

## CONCLUSÕES

Após o exposto, percebemos que as paisagens contemporâneas na Sede de Miguel Burnier vêm sendo constituídas desde o final do séc. XIX, por verticalidades e horizontalidades que deixaram rugosidades em seu tecido social e urbano.

A história da indústria e das tecnologias é uma história feita especialmente de avanços que constantemente canibalizam





**Figura 6** Área de mineração na sede distrital de Miguel Burnier.  
Fuente: Jonas Freitas de Oliveira e Silva, 2012.

o passado, implicando em uma história de substituições constantes de práticas, de produtos e técnicas. Neste ínterim, há uma tendência para os complexos industriais que vão se tornando obsoletos a serem abandonados, esquecidos ou mesmo destruídos, acarretando em enormes áreas abandonadas nas cidades e regiões urbanas.

Por outro lado, com a concepção do conceito de patrimônio industrial, há tomada de consciência do valor destes locais, paisagens e equipamentos fora de uso. E notadamente, tal segmento do patrimônio passa a ser percebido como fundamento para novas políticas de desenvolvimento para as regiões possuidoras de tais rugosidades.

A partir da perspectiva do patrimônio industrial, verificamos que há outra, a nosso ver possuidora de uma especificidade própria, conforme anteriormente mencionado, que é o estabelecimento do conceito de patrimônio minerário. Tal conceito, por sua vez, deve abarcar desde as questões geológicas, passando pelas questões econômicas, sociais e culturais formadoras destas paisagens.

De qualquer forma, tanto para o patrimônio indústria como para o minerário, a discussão sobre gestão e possíveis reutilizações

está sujeita aos conceitos éticos do presente, uma vez que a história da cultura industrial pode ser sinônimo de poluição, insustentabilidade e péssimas condições de trabalho, devendo ser sua reinvenção contemporânea, sinônimo de ecologia, bem-estar social e desenvolvimento sustentável.

Voltando à definição de patrimônio industrial da Carta de Nizhny Tagil, *o patrimônio industrial vale essencialmente pelo meio em que se insere, pela paisagem em que se revela como ícone, pelas relações que estabelece com o espaço e as memórias.*

## BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Fernando Rogério de Lima. *Miguel Burnier: o lugar em fragmentação*. Conselho Lafaiete: UFMG, 2012.

CARSALADE, Flavio; MORAES, Fernanda; ACCIOLY, Sabrina; ARAUJO, Fabiana;

CRESPO, Jeanne *et* BESSA, Altamiro. *Mineração em minas gerais, território e paisagem cultural*. Comunicação apresentada em I Seminário Internacional de Reconversão de Territórios, Belo Horizonte, 1-5 de outubro de 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOPEZ, Maria Isabel. *Proyecciones del patrimonio cultural minero en Chile. La Reocupación Cultural y Turística como Estrategia de Revitalización: El caso del territorio minero del Golfo de Arauco*. TESIS DOCTORAL. Madrid: Universidade Politécnica de Madrid, 2010.

PUCHE RIART, Octavio. Patrimonio minero-metalúrgico español: arquitectura y paisajes mineros. En: *Actas del IV Congreso Internacional sobre patrimonio geológico y minero, VIII sesión científica de la SEDPGYM: defensa del patrimonio y desarrollo regional (Utrillas (Teruel), 25-28 de septiembre de 2003)*. Barcelona: SEDPGYM, 2003, pp.57-68.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco y MILANI, Carlos Roberto Sanchez.(org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Milton. *O retorno do território. In: Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção*. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.